1971 - 2016
QUINZENÁRIO | 01 DE ABRIL DE 2016 | Nº 1611 | ANO XLIII | DIRECTORA: ELSA GUERREIRO CEPA | WWW.JORNALC.PT | PREÇO ANUAL: 30€

O CAMINHENSE

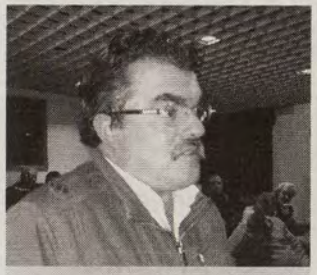
MÚTUA LEVA REIVINDICAÇÕES DOS PESCADORES À MINISTRA DO MAR

A Mútua dos Pescadores, cooperativa de seguros com forte ligação às comunidades piscatórias, vai fazer chegar à Ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, as principais reivindicações da Associação de Profissionais de Pesca do Rio Minho e Mar. A promessa foi deixada durante um colóquio onde se discutiram os principais problemas que assolam o porto de pesca e a actividade piscatória em geral da comunidade. O representante da Mútua, João Delgado, diz que as principais preocupações dos pescadores de Caminha vão chegar à mesa da ministra

ETNOGRÁFICO DE VILA PRAIA DE ÂNCORA COMEMORA 40 ANOS DE ATIVIDADE ININTERRUPTA

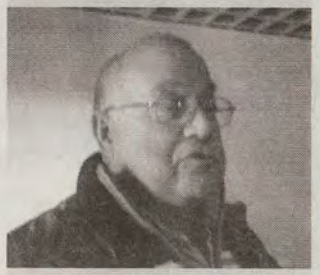
BOMBEIROS DE VILA PRAIA DE ÂNCORA RECEBEM DA EDP DISTRIBUIÇÃO EQUIPAMENTO PARA COMBATE A INCÊNDIOS

CAMINHA



Estevão Silva – Pescador

"..Neste momento os barcos não andam em cima da água, andam em cima da areia...É um inferno ter que atravessar aquela barra, aquilo está um caos. A continuar assim, sem se fazer nada, um dia destes vai acontecer ali mais uma desgraça. Tem que haver uma intervenção o mais rapidamente porque tanto eu como os meus colegas, sempre que temos que passar aquela barra, principalmente à noite, é como atravessar o inferno...".



Vitor Santos – Pescador

"...Nós deixámos fugir muita coisa. Neste rio, nos anos 60 e 70, existiam 57 barcos de convés. Era uma frota muito importante que foi desaparecendo ao longo dos anos porque as condições se foram degradando. Isso fez com que muitos homens fossem para outros lados à

Debater as condições de trabalho e a segurança dos pescadores e ainda dar a conhecer os principais problemas que afetam a comunidade piscatória caminhense, foram os temas em destaque no colóquio/debate realizado pela Associação Profissional de Pescas do Rio Minho e Mar que contou com a presença de dirigentes da Mútua dos Pescadores.

O encontro, que teve lugar no passado dia 18 de março no Auditório do Museu Municipal de Caminha, reuniu cerca de duas dezenas de pescadores que, na primeira pessoa, relataram os perigos que diariamente enfrentam sempre que vão para a faina.

Uma barra assoreada e extremamente perigosa, o assoreamento do rio e a falta de investimento em terra, são os principais problemas apontados pela classe.

Da parte da Mútua ficou a promessa de fazer chegar ao Governo as reivindicações dos pescadores de Caminha.

A MORTE AOS OLHOS

Há mais de 30 anos que a comunidade piscatória de Caminha espera e desespera por uma dragagem na foz do rio Minho que lhe permita desenvolver a sua atividade em segurança. As promessas têm sido mais do que muitas mas não passam disso mesmo e, a verdade, é que até hoje nada se fez para resol-

MÚTUA LEVA R
DOS PESCADORES À

A Mútua dos Pescadores, cooperativa de seguros com forte ligação às comunidades pisc

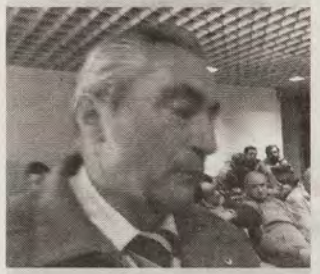
MÚTUA LEVA R
DOS PESCADORES À

A Mútua dos Pescadores, cooperativa de seguros com forte ligação às comunidades pisca da Associação de Profissionais de Pesca do Rio Minho e Mar. A promessa foi deixada durante um piscatória em geral da comunidade. O representante da Mútua, João Delgado, diz que

Vitor Santos – Pescador

"...Nós deixámos fugir muita coisa. Neste rio, nos anos 60 e 70, existiam 57 barcos de convés. Era uma frota muito importante que foi desaparecendo ao longo dos anos porque as condições se foram degradando. Isso fez com que muitos homens fossem para outros lados à procura de melhores condições.

Barcos pequenos, chegamos a ter mais de mil registadas no rio Minho e hoje temos pouco mais de 100...".



José Castro - Pescador

"..No passado dia 26 de janeiro os 3 barcos que foram ao mar: o "Foz do Minho", o "Rumo à Nª Srª da Saúde" e o "Pedro Rui", todos eles viram a morte aos olhos.

Nós precisamos de ganhar dinheiro mas não precisamos de arriscar a vida todos os dias. A vida vale mais do que o dinheiro..."

comunidade piscatória de Caminha espera e desespera por uma dragagem na foz do rio Minho que lhe permita desenvolver a sua atividade em segurança. As promessas têm sido mais do que muitas mas não passam disso mesmo e, a verdade, é que até hoje nada se fez para resolver a situação dos pescadores caminhenses.

Entretanto perderam-se vidas e os que arriscam estão constantemente a ver a morte aos olhos. Isso mesmo foi referido por um dos pescadores presentes no colóquio, José Castro, que lembrou o naufrágio ocorrido a 3 de março de 2010 no qual 3 homens perderam a vida quando se encontravam à pesca. A causa foi uma vez mais o assoreamento da barra.

Mas nem a morte destes três homens foi suficiente para que as entidades com responsabilidade ponderassem uma intervenção.

E se mais acidentes como este não voltaram a acontecer foi por "milagre" garante aquele homem do mar que recorda que em janeiro deste ano, 3 truques de Caminha estiveram em risco de se afundar devido ao excesso de areia.

"No passado dia 26 de janeiro os 3 barcos que foram ao mar: "Foz do Minho", "Rumo à Nª Srª da Saúde" e "Pedro Rui", todos eles viram a morte aos olhos".

José Castro explica onde está o perigo: "Há um banco de areia que os pescadores de Caminha conhecem bem que se firmou na "Alberna" e que vem direito à praia de Moledo. Bastava retirar ali um bocado de areia junto à Ínsua para resolver o problema. Depois a água de norte a sul encarregava-se de limpar o resto. Se não fizerem isto os pescadores vão continuar a ver a morte aos olhos", alerta.

Segundo este pescador não se entende porque é que há dinheiro para se gastar em coisas que não interessam e não há para resolver os problemas de uma classe que todos os dias arrisca a vida para ganhar o sustento.

"Nós precisamos de ganhar dinheiro mas não precisamos de arriscar a vida todos os dias. A vida vale mais do que o dinheiro", sustentou.

UM INFERNO

Estevão Silva, outro pescador caminhense, dá igualmente conta de uma barra muito perigosa.

"Aquilo está um caos. É um inferno ter que atravessar aquela barra. A continuar assim, sem se fazer nada, quase de certeza que um dia destes vai acontecer ali uma nova desgraça. Tem que haver uma intervenção o mais rapidamente porque tanto eu como os meus colegas, sempre que temos que passar aquela barra, principalmente à noite, é como atravessar o inferno. Às vezes fechamos os olhos e lá conseguimos passar mas está mesmo mau".

Estevão Silva diz que a intervenção a fazer passa pelo desassoreamento a sério ou, na impossibilidade de isso se fazer no imediato, uma intervenção rápida que pelo menos resolva pontualmente.

"Neste momento os barcos não andam em cima da água, andam em cima da areia", sublinhou.

Vitor Santos reiterou que o problema número um do rio e da barra é o excesso de areia e pediu aos representantes da Mútua que junto do Governo ajudem os pescadores de Caminha a resolver o problema.

"É preciso que a Mútua consiga pressionar o Estado para que haja manutenção e obra".

UM RIO QUE DÁ TRABALHO A CENTENAS DE PESSOAS

Augusto Porto, presidente da Associação Profissional de Pescas do Rio Minho e Mar, explica que apesar dos muitos problemas e constrangimentos, tanto o rio como o mar são uma fonte de rendimento essencial para o concelho de Caminha.

"Para se ter uma ideia, a foz do rio Minho dá trabalho a centenas de pessoas direta e indiretamente. Estamos a falar de gente que vem de várias freguesias que vivem essencialmente do rio".

EIVINDICAÇÕES A MINISTRA DO MAR

mos a falar da maior "fábrica" que temos no concelho", sublinha.

PROBLEMAS DOS PESCADORES DE CAMINHA SERÃO APRESENTADOS AO GOVERNO

João Delgado, representante da Mútua dos Pescadores, tomou nota dos problemas transmitidos pelos pescadores de Caminha e prometeu dar conta deles à Ministra da Agricultura numa reunião que se irá realizar em breve.

O representante da Mútua disse conhecer bem os problemas com que a classe se debate pois também ele e os restantes dirigentes da Mútua, são ou já foram pescadores ou armadores.

"Aqui na Mútua ninguém fala de cor sobre a pesca. Sabemos todos muito bem aquilo que se passa e as dificuldades de todos porque nós também as sentimos. A minha palavra de honra e que eu aqui deixo é que todas as questões que aqui hoje foram levantadas chegarão ao Governo o mais rapidamente possível para que eles possam intervir", garantiu.

João Delgado pediu para que lhe fosse elaborado um dossier com toda a informação, nomeadamente em termos de receita de lota e das condições em que os pescadores estão a trabalhar, para que ele o possa entregar à Ministra com quem deverá reunir brevemente.

O representante da Docapesca vossas necessidades e é por isso consideramos que não podemos ser uma terra de pesca e não termos as condições mínimas para vos oferecer. Não há uma lota para vender peixe, não existe um canal de navegação em condições, a barra está como está e o que eu digo é que não nos podemos resignar. Os nossos pescadores são iguais ao outros e têm direito a melhores condições".

O autarca diz entender perfeitamente o cansaço dos pescadores pelas muitas promessas feitas e não cumpridas.

"Eu entendo que vocês chegaram a um ponto em que já não acreditam mas a verdade é que nós estamos a tentar, em conjunto com outras entidades, reverter esta situação".

Para o presidente da Junta a pesca é uma fonte de rendimento para muitas famílias e uma entidade empregadora muito importante. "Para muitos o rio foi a forma de não emigrarem e deixarem a sua terra. Isso para nós é muito importante porque Caminha precisa da sua gente. Este território sem vocês não faz sentido", referiu.

Também o presidente da Câmara disse estar ao lado dos pescadores e apelou à união de todos "porque juntos seremos mais fortes", sustentou.

Miguel Alves congratulou-se pelo facto dos pescadores estarem organizados e unidos, considerando que isso ajuda na altura de reivindicar.

"É óbvio que para quem tem que decidir, 2 ou 3 pescadores não é o mesmo do que 30 ou 50

MINISTRA DO MAR

tórias, vai fazer chegar à Ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, as principais reivindicações colóquio onde se discutiram os principais problemas que assolam o porto de pesca e a actividade as principais preocupações dos pescadores de Caminha vão chegar à mesa da ministra

Relativamente aos problemas que afetam a classe, o presidente da Associação lembra que são muitos e muito graves. "Os problemas são graves e não são de agora e põem em causa a vida e todo o esforço que nós pomos para trabalhar neste rio e acrescentar riqueza ao nosso concelho".

A falta de um simples estaleiro para guardar as artes de pesca, de um canal que permita a navegação das embarcações, uma lota para vender o peixe em condições, são algumas das reivindicações dos pescadores e que o dirigente fez questão de relembrar.

"Passamos a vida a dar conta disto. Já o fizemos junto da Junta de Freguesia e da Câmara que nos tem ouvido e ajudado dentro das suas possibilidades, mas isso não chega. Temos que chegar mais longe porque estamos fartos de não ser ouvidos e fartos que nada seja feito".

Aproveitando a presença da Mútua dos Pescadores, Augusto Porto solicitou àquela entidade para que faça chegar junto do Governo as reivindicações dos pescadores caminhenses dando a conhecer as suas dificuldades.

"Estamos aqui hoje reunidos para dizer que está na hora de se fazer algumas coisa. Não interessa por quem nem com que orçamento, o que sabemos é que alguma coisa tem que ser feita. Precisamos urgentemente de um estaleiro, de um canal de navegação e do desassoreamento da barra. São coisas essenciais que já deviam estar feitas há muito".

Para Augusto Porto é fundamental que quem decide compreenda que a comunidade piscatória leva mais longe o nome de Caminha.

"Não há ninguém por esse país fora e até no estrangeiro que não conheça a lampreia do rio Minho. É um ex-libris nacional e internacional que dá uma enorme visibilidade ao concelho e que arrasta muita gente. Ora nós também queremos beneficiar com isso e o que pedimos é melhores condições para podermos trabalhar e dessa forma continuarmos a levar mais longe o nome de Caminha".

A MAIOR "FÁBRICA" QUE TEMOS NO CONCELHO

Ao fim de 3 décadas sem nada se fazer, Augusto Porto diz que chegou a hora de olhar para os pescadores de Caminha com outros olhos. "Nós também contribuímos para a economia do país, fazemos os nossos descontos e por isso é legítimo que se faça alguma coisa por nós, já chega de esperar e nada se fazer".

Augusto Porto lembra que Caminha tem muitos jovens que vêem na pesca uma saída para não terem que emigrar e acrescenta que muitos mais se poderiam interessar pela profissão se as condições fossem melhores.

"Só para se ter uma ideia o pescador mais jovem que temos a pescar aqui no rio tem 22 anos. Isto quer dizer que o rio emprega gente nova, está para que ele o possa entregar à Ministra com quem deverá reunir brevemente.

O representante da Docapesca manifestou total disponibilidade para fornecer esses números. "As questões relacionadas com as vendas e com os dados estatísticos são claríssimos e o Governo tem acesso a eles", referiu.

AUTARCAS SOLIDÁRIOS COM OS PESCADORES

Os problemas que os pescadores de Caminha enfrentam há várias décadas são do conhecimento dos autarcas locais no entanto, a falta de verbas e até de competências, faz com que pouco ou nada possam fazer para os ajudar a resolver questões tão complexas como o assoreamento da barra ou do rio. Presente no colóquio, o presidente da Junta de Freguesia considera que Caminha não se pode intitular uma terra de pesca e pescadores e depois ter as condições que tem.

"Nós compreendemos bem as tura de reivindicar.

"É óbvio que para quem tem que decidir, 2 ou 3 pescadores não é o mesmo do que 30 ou 50 e por isso é muito importante esta união", sustentou.

Procurar soluções para resolver o problema dos pescadores é fundamental e Miguel Alves lembrou que neste momento já estão a decorrer algumas ações nesse sentido.

"Como vocês sabem para podermos resolver aquela questão do canal temos já candidatados os levantamentos batimétricos, a questão da qualidade das areias para ver se podem ser depositadas nas praias, enfim isso está a andar. A barra, que é a questão fundamental e a mais importante de todas, tem que ser decidida por quem de direito e nós temos que ter a capacidade de os convencer de que tem que ser".

Miguel Alves conta com a Mútua dos Pescadores para, através da sua ação, ser mais um a fazer chegar a quem de direito que Caminha está unida nesta questão e que os pescadores de Caminha exigem melhores condições.

Debater as condições de trabalho e a segurança dos pescadores e ainda dar a conhecer os principais problemas que

Augusto Porto – Pescador

"...Estamos aqui reunidos para dizer que está na hora de se fazer alguma coisa. Não interessa por quem nem com que orçamento. Precisamos urgentemente de um estaleiro, de um canal de navegação e do desassoreamento da barra. São coisas essenciais que já deviam estar feitas há muito, como se costuma dizer, era para ontem...".

"..Mesmo com o mar chão os pescadores arriscam muito. Não há água para navegar e os barcos neste momento são umas autênticas dragas...".

Miguel Gonçalves – P. da Junta

"Nós compreendemos bem as vossas necessidades e por isso consideramos que não podemos ser uma terra de pesca e não termos as condições mínimas para oferecer aos nossos pescadores.

Os nossos pescadores são iguais aos outros e têm direito a melhores condições. Estamos ao vosso lado...".

A MÚTUA É MUITO MAIS DO QUE UMA SEGURADORA

Fundada há quase 73 anos, a Mútua dos Pescadores não só nasceu da pesca, como deve a sua ação aos pescadores.

Foi desta forma que João Delgado, dirigente da Mútua dos Pescadores, apresentou a instituição que, como o próprio fez questão de referir, não se limita apenas a vender seguros aos pescadores.

Em Caminha, o representante da Mútua explicou que neste momento a sua principal ação é ouvir as comunidades piscatórias, aproximá-las e através da sua influência e representação nacional, poder ajudar a resolver os problemas que afetam as comunidades piscatórias.

"Nesse sentido temos andado por todo o país a receber imensos contributos por parte das comunidades piscatórias. E se é verdade que nem tudo conseguimos resolver, também não é menos verdade que algumas coisas se têm conseguido por via da nossa ação".

A Mútua dos Pescadores representa não só os seus associados mas também todos quantos fazem do mar a sua vida, e por isso João Delgado diz que é importante reunir com as comunidades para lhes dar conta do trabalho desenvolvido.

DA VALORIZAÇÃO DO PESCADO À SEGURANÇA DOS PESCADORES, PASSANDO

alterou. "Cada um faz o que lhe apetece e isso reflete-se na pesca" refere João Delgado.

"E reflete-se como? Desde 1991 até hoje perdemos cerca de 25 mil postos de trabalho na pesca e mais de 8 mil embarcações de pesca".

Do ponto de vista da Mútua a principal alavanca que pode acionar a alteração radical do setor das pescas em Portugal é a forma como os pescadores, de futuro, vão conseguir valorizar o seu produto.

"Tem que haver mecanismos de valorização do pescado porque quando se desvaloriza o produto do nosso trabalho isso reflete-se não só nas condições de vida e na capacidade que temos ou não de melhorarmos as nossas condições de segurança a bordo das embarcações ou a própria manutenção. Tudo isto é afetado se não tivermos capacidade de investimento", sublinhou.

Portugal precisa de melhores condições para os seus pescadores disso ninguém tem dúvidas e esta é uma realidade que a Mútua já fez chegar não só às autoridades nacionais como também junto do Parlamento Europeu. "É do interesse de todos que isso aconteça", sustentou.

A segurança é outra das questões fundamentais para a Mútua, entidade que tem assento na comissão par-

João Delgado – Mútua dos Pescadores

"...Estamos aqui para ouvir as vossas preocupações e o que vos peço é para que nos façam chegar o maior número de informação sobre a barra, sobre o valor das descargas, valor gerado e faixa etária dos pescadores, que é um dos fatores que deve pesar na decisão sobre uma intervenção séria. Todos esses elementos devem chegar à Mútua o mais rapidamente possível porque nós temos agendada uma reunião com a Ministra do Mar e com o Secretário de Estado das Pescas onde vamos levar todas estas preocupações...".

"...Só se pode fortalecer as comunidades ajudando a resolver os seus problemas. Desde o início de janeiro que existe um plano da Mútua dos Pescadores para cobrir todo o território nacional no sentido de auscultar o maior número de organizações representativas do setor, recolher os contributos e resolver os mais diversos problemas que afetam a classe piscatória em Portugal..."

"...Somos um dos países mais consumidores de pescado e por isso é fundamental que tenhamos um setor das pescas a funcionar em pleno. Para isso temos que dar boas condições de trabalho e de vida aos pescadores...".

"...A falta de investimento público, a degradação ou ausência de infraestruturas de apoio, o assoreamento das barras e as condições de acesso aos portos são as

podemos ser uma terra de pesca e não termos as condições mínimas para oferecer aos nossos pescadores.

Os nossos pescadores são iguais aos outros e têm direito a melhores condições. Estamos ao vosso lado...".

Miguel Alves – P. da Câmara

"..Nos últimos 30 anos nada aconteceu no setor da pesca em Caminha, direta ou indiretamente. Há coisas que estão ainda pior como é o caso das condições de venda.

Para se ter uma ideia de como as coisas são em Caminha, em 30 anos a obra mais importante que se fez naquela zona foi a colocação de umas "míseras" escadas no paredão. Nem umas escadas tinham para subir e descer o paredão...".

A Mútua dos Pescadores representa não só os seus associados mas também todos quantos fazem do mar a sua vida, e por isso João Delgado diz que é importante reunir com as comunidades para lhes dar conta do trabalho desenvolvido.

DA VALORIZAÇÃO DO PESCADO À SEGURANÇA DOS PESCADORES, PASSANDO PELA NECESSIDADE DE MAIOR INVESTIMENTO

O porta-voz da Mútua elencou alguns dos pontos centrais da ação cooperativa dos últimos 4 anos.

Questões como a valorização do pescado, a segurança dos pescadores, a necessidade de um maior investimento por parte dos governos no setor, a formação profissional e a questão da paragem da pesca da sardinha, que afeta centenas de famílias por todo o país, são questões a que a Mútua tem dado especial atenção.

"Como é sabido temos mais de 800 quilómetros de costa com muitas comunidades cujas realidades são muito diferentes umas das outras. Apesar de existirem muitas diferenças há um ponto que é fulcral e que une todas as comunidades do ponto de vista das preocupações. Trata-se da forma como o produto é vendido e a forma como essas comunidades são capazes de valorizar o seu produto. O que temos verificado em todo o país é que existe uma grande diferença entre os preços de primeira venda em lota e o preço que chega ao consumidor final. A questão que se põe é onde fica a fatia de leão daquilo que os pescadores produzem. Na nossa perspectiva e porque temos dados estatísticos que o comprovam, esta mais valia fica retida na comercialização".

Anteriormente a 91 as coisas não era assim, existiam regras a cumprir e margens de lucro para a comercialização mas, com a liberalização do mercado, tudo se to", sublinhou.

Portugal precisa de melhores condições para os seus pescadores disso ninguém tem dúvidas e esta é uma realidade que a Mútua já fez chegar não só às autoridades nacionais como também junto do Parlamento Europeu. "É do interesse de todos que isso aconteça", sustentou.

A segurança é outra das questões fundamentais para a Mútua, entidade que tem assento na comissão permanente para a segurança dos homens no mar.

Desse ponto de vista se hoje é obrigatório o uso de colete insuflável nas embarcações de pesca local, muito se deve à ação da Mútua dos Pescadores. "E isso já se traduziu em dezenas de vidas salvas o que para nós é uma grande satisfação", apontou.

Alargar o uso do colete a outro tipo de frota para além da local é o próximo passo a dar. "Neste momento já estamos a desenvolver projetos piloto nesse sentido que podem ser mais valias importantes em termos de segurança a bordo das embarcações de pesca".

INDEMNIZAÇÕES PAGAS AO FIM DE 90 DIAS GRAÇAS À AÇÃO DA MÚTUA

Outra questão importante e para a qual a Mútua muito contribui foi a questão das indemnizações pagas às famílias dos pescadores desaparecidos no mar.

"Dos 10 anos que eram obrigatórios para que as companhias de seguros indemnizassem as famílias, passou-se para 90 dias muito pela ação da Mútua. São saltos significativos que têm sido dados e para os quais temos tido um papel fundamental".

Por tudo isto a Mútua é muito mais do que uma companhia de seguros. "É uma entidade que com a sua ação, pretende conduzir o setor das pescas a outro estado diferente daquele a que hoje se assiste".

em pleno. Para isso temos que dar boas condições de trabalho e de vida aos pescadores...".

"...A falta de investimento público, a degradação ou ausência de infraestruturas de apoio, o assoreamento das barras e as condições de acesso aos portos são as questões que mais se ouvem nas comunidades. Depois existe também a falta de mão de obra jovem devido à ausência de condições para entrarem e permanecerem no setor por ausência de rendimentos coincidentes com os níveis de esforço. São queixas transversais a todas as comunidades piscatórias do país...".

"...A degradação que o setor foi alvo nos últimos 30 anos obriga a uma recuperação imediata do mesmo por forma a contornarmos uma questão que para nós é central e que é a nossa independência alimentar do ponto de vista de produtos da pesca. Temos um défice crónico de mais de 660 milhões de euros anuais de produtos da pesca e na pesca do cerco há milhares de toneladas que são jogadas ao mar porque o mercado não absorve. Há coisas que não batem certo e a Mútua está no terreno para ajudar a resolver todas estas questões de uma forma abrangente..."